

Economia - Brasil

BOLSAS
Na terça-feira (em %)
+1,83% São Paulo +0,43% Nova York

BOVESPA
Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)
33.404 34.812

GLOBAL 40
Título da dívida externa brasileira na terça-feira

DÓLAR
Últimas cotações (em R\$)

EURO

OURO

CDB

INFLAÇÃO

BOLHA GLOBAL

Taxas de juros mais altas e prazos menos longos provocam redução de 3% no crédito em outubro. Financiamentos de veículos tiveram recuo de 37,2%, mas primeiros dias de novembro registram recuperação

Ponto da virada

104

VÂNIA CRISTINO

ESPECIAL PARA O CORREIO

Com medo do agravamento da crise econômica e seus efeitos sobre o volume e o preço do dinheiro disponível para financiamentos em geral, consumidores e instituições financeiras colocaram o pé no freio. Dados divulgados ontem pelo Banco Central demonstram que as concessões de novos créditos no mês de outubro caíram 3%. Em setembro, o volume de crédito concedido chegou a R\$ 162,202 bilhões, bairando para R\$ 157,257 bilhões no mês seguinte.

No financiamento para as pessoas físicas a queda foi até maior, chegando a 3,5% de um mês para o outro. No segmento veículos, a retração do volume de crédito foi de 37,2%, com o total de financiamento concedido baixando de R\$ 4,562 bilhões em setembro para R\$ 2,867 bilhões em outubro. Queda expressiva também ocorreu no crédito pessoal, que inclui as operações com desconto em folha, o chamado crédito consignado. Nesse caso, o volume de recursos diminuiu 9,8%, com as concessões passando de R\$ 10,269 bilhões para R\$ 9,266 bilhões.

De acordo com Altamir Lopes, isso ocorreu porque, em situação de estresse, os consumidores pensam duas vezes antes de pegar um empréstimo e os bancos, além de subirem spread e juros para se proteger, elevam o nível de exigências e garantias. "Todo mundo foi mais conservador", disse. A retração no volume de crédito, que foi forte no início de outubro, acabou não se sustentando em novembro. Pelos dados do Banco Central, as concessões

voltaram a subir no início deste mês. "Não posso dizer que voltamos ao status de antes da crise, mas estamos próximos disso", garantiu Lopes.

De acordo com dados já colecionados pelo BC referentes aos primeiros oito dias úteis de novembro, a concessão de novos créditos cresceu 5,7% na comparação com igual período de outubro. A recuperação mais forte, até 12 de novembro, se deu nas linhas de crédito para as pessoas físicas, que cresceram 14,8%, enquanto que o crescimento do volume de crédito para as empresas ficou em 1,2% no período.

Sinalização

Mesmo o freio nas concessões em outubro não foi suficiente para afetar o volume total de crédito concedido (estoque), que continuou crescendo. No mês, as operações de crédito do sistema financeiro atingiram R\$ 1,186 trilhão, com crescimento de 2,9% em relação a setembro e batendo, pela primeira vez, o percentual de 40,2% do Produto Interno Bruto (PIB). Essa relação entre crédito e PIB é a mais elevada da série e já ultrapassa a previsão que o Banco Central fez para o fim do ano, que era de 40% do PIB.

"Não me surpreenderia se ultrapassarmos esse montante até dezembro", afirmou Lopes. Para o chefe do Depec, a crise não deixou de afetar o volume total de crédito, que poderia estar crescendo a uma taxa mais elevada. Como exemplo, ele citou as operações de leasing, cujo volume cresceu 2,1% de setembro para outubro, atingindo R\$ 110,154 bilhões. A taxa de crescimento do leasing de agosto para setembro foi de 5,7%.

